

PERSPECTIVAS

TESTEMUNHOS

16 notáveis antecipam 2016

REDACÇÃO EXPANSÃO

Na primeira edição do ano, o *Expansão* ouviu 16 personalidades sobre o que esperam de 2016, e o que antecipam que possa ser o melhor e o pior para o País. A crise, concordam, é uma oportunidade para que, daqui em diante, Angola se reforme e trilhe novos caminhos, se liberte da excessiva dependência do petróleo, se renove e abrace novos projectos, mais sustentáveis. Se nada mudar, o futuro vai ser bem pior do que o presente. Na próxima edição, um painel de outros 12 notáveis fará o mesmo exercício, respondendo às três questões que se impõem em relação aos 12 meses que se seguem: ‘O que se espera de 2016?’; ‘O que de melhor poderia suceder a Angola?’; ‘E o pior?’.

1. De uma forma geral, quais são as suas expectativas para 2016?

JOSÉ SEVERINO

Presidente da AIA

Um porta-aviões gigantesco cheio de dificuldades, que nos permite preparar não para uma colisão com a estabilidade social, mas com a possibilidade de uma atracção segura e promissora para os anos vindouros. Um preço a pagar, mas que pode vir a gerar sucessivos anos bem-aventurados!

JOSÉ OCTÁVIO SERRA VAN-DÚNEM

Professor universitário

Espero que 2016 seja o início de um novo momento para o País e para o Mundo. Tendo em conta a crise global e local que vivemos, penso que está claro para todos o que não se deve fazer e, por consequência, tirarmos lições do passado recente para nos direccionarmos de outra forma. Tenho, por isso, uma grande expectativa de que o Mundo possa sair, de forma gradual, da encruzilhada em que se encontra.

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

Em termos gerais e olhando apenas para o sector petrolífero, do qual o País vive, tenho de confessar que estou preocupado, não só pelos baixos preços do barril, mas principalmente porque a falta de receitas parece ter bloqueado os decisores do sector, que se mostram incapazes de

traçar uma estratégia para os próximos anos de crise.

Embora a formação do preço do barril no mercado internacional dependa de imensas variáveis, há uma que vai ser fundamental para determinar as cotações daqui a quatro ou cinco anos e que se resume assim: se o barril se mantiver por mais de três anos abaixo dos 50 USD, vamos depois assistir a mais um ciclo de preços elevados, pela simples razão de insuficiência na oferta que possa cobrir o consumo lá para 2020/21. Este facto deve levar-nos a não tomar decisões precipitadas – de produzir a todo o custo campos marginais – e sim a tentar incentivar a pesquisa para que o petróleo a descobrir possa depois vir a ser produzido de forma rentável para o País e companhias. Já há um decreto do Presidente da República incentivando a pesquisa em zonas de produção e/ou com descobertas a desenvolver – o que é positivo –, mas ainda não houve a coragem de decidir que os projectos para novas produções em águas profundas – blocos 20 e 21, entre outros – têm de ser adiados até se ver a ‘luz ao fundo do túnel’, o que penso ser possível já em 2018.

Claro que adiar novas produções vai reduzir, por uns tempos, o volume diário de produção nacional, o que é natural, já que estamos a produzir acima das nossas capacidades reais. Mas isso vai permitir-nos ter mais reservas para extrair na próxima década, com melhores preços!

O mesmo adiamento se deve aplicar ao Projecto da Refinaria do Lobito, para o qual a Sonangol não tem receitas disponíveis, até

porque, com melhorias na Refinaria de Luanda por um décimo do custo daquele projecto, e com a refinaria do Soyo, Angola poderá ficar quase auto-suficiente em gasóleo e gasolina por uns tempos!

PEDRO PITA GROZ

CEO da Bodiva

Estando já em funcionamento, na Bodiva, um mercado onde se negociam títulos públicos – o

**Manuel Sumbula**

Presidente da AIBA

“Em 2016, aguardamos com bastante expectativa a resolução das adversidades económicas e financeiras que o País tem vindo a atravessar”

designado MRTT –, a minha expectativa é que sejam admitidos à negociação títulos privados, incluindo, pelo menos, uma emissão de acções.

PATRÍCIO VILAR

Administrador da CMC

O Mundo atravessa uma crise muito para além da dimensão económica. Sempre acreditei que as ameaças podem constituir boas oportunidades e, a partir de determinada altura, aprendi que são as crises que asseguram a auto-regeneração das economias, penalizando os operadores que falharam e proporcionando a oportunidade a novos empreendedores de surgirem e redinamizarem a actividade sócio-económica – incluindo a dimensão cultural.

Infelizmente, desde a crise financeira de 2008, tem havido a tendência para os Estados ‘porem a mão por baixo’ de quem desempenhou mal o seu papel empresarial, em particular no sector financeiro, com a preocupação de evitar riscos sistémicos. A verdade é que, ao evitarmos a auto-regeneração proporcionada pela crise, mantivemo-la em ‘lume brando’, e agora, à estagnação das economias ocidentais, juntam-se as economias emergentes.

Só que, ao contrário do que aparenta, a situação de estagnação económica generalizada pode ser a grande oportunidade para a regeneração e recuperação económica-social a nível mundial. Com efeito, os próprios Estados estão, na sua

maioria, descapitalizados, e as classes médias completamente ‘asfixiadas’, sem margem para se aumentar a carga fiscal e, consequentemente, sem margem para prosseguir a política da sustentação das empresas que falharam.

Essa é a minha expectativa para 2016: Que se inicie o processo de auto-regeneração económico-social que as crises proporcionam. Não tenhamos ilusões: o custo económico e social a curto prazo será imenso, mas, quanto mais tarde se iniciar, maior será e mais tempo perdurará.

FERNANDO MARQUES PEREIRA

CEO do Banco Caixa Geral Angola

Parece consensual afirmar-se que 2016 se apresenta, em termos económicos, como de grande complexidade, na senda do que já ocorreu no ano transacto.

Continuaremos, certamente, a assistir à persistência de preços baixos das matérias-primas, onde se inclui o petróleo, ao ajustamento da economia chinesa para um modelo não exclusivamente baseado nas exportações e, o que é novo face a 2015, -la em ‘lume brando’, e agora, à estagnação das economias ocidentais, juntam-se as economias emergentes.

Todos estes factores constituem ameaças para a economia angolana, com um nível de receitas da venda do petróleo muito abaixo da média dos últimos anos (salvo se ocorrerem situações extremas, por definição não previsíveis), obrigando a manter-se o forte esforço de

ajustamento da economia e de disciplina orçamental. Por outro lado, vai acentuar-se a competição pela captação do investimento externo, que tenderá a deslocar-se dos países emergentes para as economias mais desenvolvidas, e aumentará o custo do endividamento externo e a pressão sobre a procura de divisas, criando pressão para uma continuada desvalorização do kwanza.

Os factores negativos apontados irão, também, acentuar a inflação, o que conduzirá à elevação da taxa de juro.

Neste enquadramento, as expectativas são de um exercício muito difícil, sem margem para acomodar erros ou hesitações, em que se exige de todos os agentes económicos a tomada de decisões coerentes, com a necessidade de se realizarem os investimentos estruturais necessários, inequivocamente rentáveis, e racionalização de todos os custos e a exploração de todas as oportunidades existentes, de forma a se reforçar a construção de uma economia diversificada e de unidades económicas eficientes e capitalizadas.

EMÍLIO PINHEIRO

CEO do BFA

O ano de 2015 foi de forte ajustamento económico, fruto da queda acentuada do preço do petróleo.

2016 continuará a ser de ajustamento, tanto mais que o petróleo sofreu uma nova ligeira descida e os analistas internacionais apontam para que um cenário do preço baixo do petróleo se mantenha.

MANUEL SUMBULA

Presidente da AIBA

Em 2016 aguardamos com bastante expectativa a resolução das adversidades económicas e financeiras que o País tem vindo a atravessar nos últimos tempos. Certamente que o sector das indústrias de bebidas pode exercer um papel fundamental e para o rápido e urgente processo de diversificação da economia.

A actual conjuntura económica internacional tem sido desfavorável ao crescimento, mas Angola deve caminhar para a resolução dos principais entraves, com vista a atingir um processo de crescimento sustentável, de forma justa e equitativa para todos os angolanos.

O País tem vindo, pouco a pouco, a caminhar para a construção de um mercado mais maduro e aberto às leis e regras internacionais – o que, de certo modo, propicia o investimento estrangeiro. Este não tem sido um caminho fácil, mas também há que criar expectativas e contornar as adversidades, recorrendo ao nosso espírito criativo para encontrar novas soluções para velhos problemas.

**Patrício Vilar**
Administrador da CMC

“A minha expectativa é que em 2016 se inicie o processo de auto-regeneração económico-social que as crises proporcionam”

FERNANDO PACHECO

Especialista em Agricultura

Neste tipo de situação, há sempre a tensão entre o desejado e o esperado. Desejo que se avance mais no diálogo entre o Executivo e a sociedade em geral – incluindo actores políticos, económicos e sociais –, de modo a se encontrarem soluções justas para os graves problemas que enfrentamos: corrupção; concretização dos direitos cívicos, políticos, económicos e sociais dos cidadãos; fragilidade das instituições; parcialidade da comunicação social pública; diversificação da economia; pobreza e desigualdade. Temo, no entanto, que aconteçam erros de governação impulsionados pelo desejo de se fazerem investimentos e outras despesas visando as eleições de 2017, o que poderá acarretar um aumento perigoso do endividamento externo.

PEDRO BEQUENGUE

PCA da Câmara dos Despachantes de Angola

O sentido positivo da vida obrigava-nos, no início de cada ano, a enchermos-nos de esperança e desejos de termos um ano novo bom, com crescimento na vida. No meu caso pessoal, também desejo melhores dias para a associação profissional que dirijo, concretizando todos os planos previstos para a melhoria sócio-profissional dos seus membros. Considero serem estas as perspectivas para o ano de 2016, mas isto passa pela devolução da política macroeconómica do País, que deve manter níveis de crescimento que permitam, no geral, a melhoria das condições de vida dos angolanos e que haja investimentos para a diminuição do desem-

prego, com vista aos objectivos de luta contra a pobreza.

BELARMINO JELEMBI

Presidente da ADRA

O ano de 2016 representa uma etapa importante de um período mais largo que eu chamaria das múltiplas transições, onde se destacam quatro pilares, nomeadamente: 1) alteração do modelo de financiamento da economia, até aqui ancorado na exportação do petróleo; 2) a mudança do modelo de gestão e governação do País; 3) ajustamentos nas relações político/económicas internacionais e; 4) clarificação sobre a futura liderança do MPLA, e consequentemente do candidato as eleições de 2017. Trata-se de um processo estrutural, ao longo do qual deve assegurar-se a estabilidade e o respeito pelas instituições, mas também não ‘engavetando’ as liberdades, o Estado de Direito e os ganhos democráticos expressos na Constituição de 2010.

BRUNO XAVIER DE PINA

Jurista

À semelhança de 2015, e apesar do esforço político no sentido de actualizar o quadro legislativo em áreas importantes – como, por exemplo, os impostos e o investimento privado –, considero que muitas das dificuldades e desafios vão manter-se ao longo de grande parte do ano, pois, no geral, os pressupostos macroeconómicos e geopolíticos também são os mesmos, nomeadamente a queda da cotação do petróleo e as suas causas e, como tal, o enorme impacto que essa retracção gerou na economia e no investimento privado. A isto juntamos as dificuldades cambiais e a quebra acentuada da capacidade de investimento público e privado, que deverão continuar expostos ao ambiente de retracção. É difícil não reconhecer que os resultados da desejada diversificação da economia podem não surgir no curto prazo para que assim possam compensar a excessiva dependência do mercado petrolífero. Por outro lado, considero que, ao longo dos últimos anos, Angola beneficiou, ou esteve em condições óptimas para beneficiar, de investimento estrangeiro relevante proveniente de economias que enfrentavam crises económicas mais ou menos profundas, sendo que, agora, essas economias estão de saída dessas crises. Por isso, o ónus de atrair muito e bom investimento privado estrangeiro recai sobre o País de forma redobrada.

JAYR FERNANDES

Jurista

De um modo geral, as minhas expectativas para 2016 são bastan-

te reservadas. Esta minha reserva resulta, por um lado, da análise que faço das linhas orientadoras do Orçamento Geral do Estado aprovado para este ano, do qual resulta, claramente, que, devido à actual crise decorrente da baixa do preço do petróleo, o Governo vai manter limites apertados na despesa e, por outro lado, parece-me que, apesar do discurso encorajador e motivador do Estado no sentido da diversificação da economia, o modelo de crescimento da economia angolana, a curto e médio prazo, continuará baseado no petróleo, na medida em que os modelos económicos anteriores não implementados com o petróleo em alta não criaram bases e estruturas sólidas para potenciar outros sectores económicos pujantes que pudessem hoje, *per si*, compensar a crise do petróleo. Por isso, parece-me inevitável, por enquanto, o recurso imediato às receitas do petróleo como fonte de financiamento para potenciar sectores económicos como a agricultura e a pesca. E, uma vez que ninguém hoje consegue saber qual será o preço do barril do petróleo, vamos continuar por algum tempo vulneráveis às suas oscilações.

Como advogado, preocupamo-nos concretamente com o impacto que esta situação pode provocar no sector da administração da justiça que, atendendo ao que se encontra plasmado na nossa Constituição, constitui uma das funções mais básicas do Estado angolano. Receio que a insuficiência económica que o Estado angolano regista actualmente possa potencialmente dificultar e/ou perigar a concretização de um dos princípios fundamentais do nosso ordenamento jurídico, nomeadamente, o princípio do acesso ao direito e tutela jurisdicional efectiva, na medida em que este princípio dá a todos os

**José Octávio Serra Van-Dúnem**

Professor universitário

“Tenho uma grande expectativa de que o Mundo possa sair, de forma gradual, da excruzilhada em que se encontra”

MAX ALIER

Representante do FMI em Angola

O ano de 2016 vai trazer muitos desafios para os países exportadores de petróleo como Angola, devido às perspectivas que o preço do barril se mantenha em patamares baixos. O processo de ajustamento da economia angolana a essa nova realidade deve continuar. Será importante que o Estado amplie os esforços de diversificação das fontes de receita tributária e melhore a qualidade da despesa pública. Angola deve também acelerar os esforços de diversificação da economia através de uma taxa de câmbio mais competitiva e de uma melhoria significativa do clima de negócios.

cidadãos o direito de acesso ao direito e aos tribunais, independentemente da sua condição económica e, nestes casos, o Estado tem o dever constitucional de criar condições necessárias para que os cidadãos mais desfavorecidos disponham de um serviço jurídico capaz, executado por advogado, de forma a terem uma efectiva defesa material dos seus interesses. Assim sendo, compete ao Estado criar e financiar o sistema que assegura a assistência jurídica e o patrocínio judiciário dos cidadãos com carência económica, em estrita colaboração com a Ordem dos Advogados de Angola. No entanto, a insignificativa verba estimada para este ano se fazer face às despesas com a assistência judiciária pode potenciar o incumprimento desse dever constitucional, e isso é inadmissível.

RUI SANTOS

CEO da Sistec

2016 vai ser um ano de cautela e prevemos muitas dificuldades a nível de reposição de *stocks*. A nossa empresa é importadora e distribuidora de produtos tecnológicos e, como tal, é dependente em mais de 50% da importação de mercadorias. Olhando para o que aconteceu em 2015, podemos prever um 2016 ainda mais complicado, caso não sejam alteradas algumas regras do País a nível das prioridades de acesso a cambiais.

LUÍS VERDEJA

Director da Jobartis

No médio prazo, Angola irá assentar num modelo económico mais lógico, não tão dependente do petróleo. Assim, 2016 vai ser um ano no qual começará esse processo de mudança. As mudanças, às vezes, são complicadas, pelo que o sucesso das reformas que devem ser feitas dependerá da capacidade da população para assumir essas mudanças, e do Governo para promovê-las e comunicá-las

MAX ALIER

Representante do FMI em Angola

PERSPECTIVAS

2. Na sua opinião, o que de melhor poderia suceder em 2016, para Angola?

JOSÉ SEVERINO
Presidente da AIA

Recebermos sinais fortes para o eclodir da era do ‘ouro verde’, que seja o início de uma agricultura enriquecedora de empresários e camponeses, empregadora e anti-imigração para as cidades, fornecedora de matérias-primas à indústria, a pressionar esta, a geologia e minas e os petróleos a terem de lhe fornecer os meios de produção, os fertilizantes e os adubos químicos de que precisa para se modernizar. Mudança no processo de gestão cambial a ter de ser transversal e em condições de igualdade para todos os operadores. Também a redução das taxas da mortalidade e do desemprego.

JOSÉ OCTÁVIO SERRA VAN-DÚNEM
Professor universitário

O que de melhor poderia suceder seria uma melhoria qualitativa nos domínios da saúde e da educação, duas áreas fundamentais para que possamos todos produzir mais e melhorar os nossos níveis de vida.

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

Adaptando-nos à crise, que se comece, finalmente, a fazer as análises custo-benefício de cada grande projecto e depois, nos casos em que o resultado seja positivo – os negativos são para anular –, se fizesse a análise comparativa com os custos de projectos idênticos na África Austral para saber em que per-



Fernando Pacheco
Especialista em Agricultura

“O melhor seria, finalmente, a concretização da ‘tolerância zero’ para a corrupção e a despartidarização dos media públicos”



Fernando Marques Pereira
CEO do Banco Caixa Geral Angola

“O melhor seria que fossem dados passos decisivos e consistentes para a construção de uma economia mais robusta e diversificada”

centagem as obras em Angola custam muito mais que nos países vizinhos! Assim, talvez consigamos baixar um pouco os elevados custos da reconstrução nacional e fazer um pouco mais com menos dinheiro!

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

O melhor seria a dois níveis:

Aumento da eficácia na arrecadação fiscal. Pese embora o excelente trabalho que tem sido feito pela Administração Geral Tributária, o peso das receitas fiscais sobre o PIB tem um potencial de crescimento elevado.

Melhoria do ambiente de negócios, com destaque para o registo de propriedades, protecção de investidores minoritários, execução de contratos e resolução de insolvências. Com melhorias significativas nestas áreas, acredito que daremos maior confiança aos investidores, em especial aos empreendedores, sejam eles locais ou estrangeiros. Ao mesmo tempo, tal contribuirá, a prazo, para o aumento diversificação da economia.

PATRÍCIO VILAR
Administrador da CMC

Que a sociedade se unisse no processo de empreender a ‘batalha’ da diversificação económica. Todos sem excepção – Estado, empresas, cidadãos – têm que se envolver. Cada um de nós, ao seu nível, deve adoptar atitudes empreendedoras que nos levem a modelos de gestão

que confirmam a eficiência empresarial necessária à competitividade dos nossos produtos. Só assim estes serão capazes de concorrer no mercado internacional quer ao nível da substituição de importações, quer ao nível do alargamento da base de exportações.

Na dimensão financeira, o melhor que poderia suceder era o mercado de capitais assumir-se como plataforma preferencial de financiamento do esforço de diversificação. Também os seus protagonistas terão que se reinventar, no sentido de encontrarem soluções inovadoras que se apliquem às especificidades do tecido empresarial angolano, sem, no entanto, se pôr em causa a legítima confiança e a segurança jurídica dos investidores.

FERNANDO MARQUES PEREIRA
CEO do Banco Caixa Geral Angola

Que sejam dados passos decisivos e consistentes para a construção de uma economia mais robusta e diversificada, e que essas iniciativas perdurem independentemente do preço do petróleo no futuro. Em especial, que sejam desenvolvidos projectos pouco dependentes de importações, com o investimento a ser dirigido, sobretudo, para a produção agro-pecuária, extração mineira e transformação local dos produtos. No que concerne ao sistema financeiro, que sejam concluídos com sucesso os processos iniciados em 2014 de análise das imparidades nas carteiras de crédito dos bancos, o projecto de implementação das normas internacionais de contabilidade, que se consolide o reforço da gestão corporativa e de controlo interno, que se ultrapassem com sucesso as avaliações internacionais em termos de *compliance* e se faça sem dramatismos o ajustamento a uma nova realidade de maior competitividade, com crescentes níveis de exigência em termos de solvabilidade e eficiência.

EMÍDIO PINHEIRO
CEO do BFA

EMÍDIO PINHEIRO
CEO do BFA

Uma aceleração forte do processo de diversificação da economia e do investimento directo estrangeiro, criando condições para diminuir a dependência externa das importações e das receitas do petróleo.

MANUEL SUMBULA
Presidente da AIBA

Analisando a conjuntura actual, seria fácil dizer que o que de melhor poderia acontecer seria a subida do preço do petróleo. Mas, como gestor e empresário, sei que é num clima de adversi-

dade que se encontram as grandes vitórias. E também sei que não adianta sonhar.

Temos que saber avaliar os cenários que se abrem à nossa frente, com um olho no que ficou para trás, para daí retirar os ensinamentos necessários, mas concentrando as nossas energias no futuro, implementando as medidas necessárias para criar um ambiente favorável ao reforço da economia e de todos os que contribuem para o seu sucesso.

FERNANDO PACHECO
Especialista em Agricultura



Luís Verdeja
Director da Jobartis

“O melhor seria Angola caminhar para um sistema económico não tão dependente do petróleo”

O melhor seria, finalmente, a concretização da ‘tolerância zero’ para a corrupção e a despartidarização dos media públicos. Isso permitiria a solução de uma série de problemas em cadeia.

PEDRO BEQUENGUE
PCA da Câmara dos Despachantes de Angola

Não há, de momento, indicações que apontem para o aumento do poder de compra da população, a redução do desemprego, nem a redução do custo de vida, inclusive dos segmentos da sociedade fazedores de opinião pública, até então, alguns, principais beneficiários das distorções da ‘nossa’ economia. Se o Governo continuar a ser incapaz de estruturar um diálogo fecundo com as forças políticas e sociais credíveis para criar alguns consensos e uma mobilização em torno das medidas estruturais inevitáveis, a tensão social pode subir em 2016, com consequências difíceis de prever.

PEDRO BEQUENGUE
PCA da Câmara dos Despachantes de Angola

Angola tem vivido tempos de crescimento demográfico e, apesar de necessitar ainda de muitas infra-estruturas, dispõe de recursos naturais significativos e de um sector petrolífero que proporciona uma convivência profunda com vários investidores privados, o que é positivo. Não acredito que Angola não seja capaz de ultrapassar com sucesso este período difícil, apesar de encarar 2016 mais como um ano de preparação do que um ano de viragem.

JAYR FERNANDES
Jurista

O início da recuperação da economia assente em bases não

BELARMINO JELEMBI
Presidente da ADRA

O Estado precisa de dinheiro para se financiar e não há volta a dar. Se houver capacidade e ‘pulso’ para continuar com esta ‘operação’ de acabar com os funcionários ‘fantasmas’ em toda a Função Pública, nas empresas públicas, nas caixas da segurança social (todas elas), do topo à base; se forem impostas taxas de ocupação de terras, mesmo sabendo-se quem são os principais possuidores de milhares de hectares de terrenos improdutos; se houver avanços na regularização (pelo menos clarificação) do crédito malparado, sobretudo em bancos com capital público, será um sinal de que estamos a caminho da normalidade.

BRUNO XAVIER DE PINA
Jurista

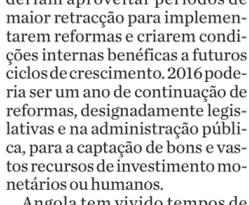
Realisticamente, este ano poderá e deverá servir para redefinir e reorganizar prioridades, para que, tão logo os pressupostos actuais globais se alterem, o País possa estar em melhores condições para iniciar um novo ciclo. Os investidores com sentido estratégico costumam aproveitar estes períodos para se reorganizarem, racionalizarem gastos, redefinirem objectivos, ponderarem e abordar novos mercados, bem como produtos ou serviços e, por exemplo, avaliarem e solucionar contingências jurídicas que, em períodos de expansão, partilham a agenda com outras prioridades, sobretudo comerciais. Quando os países não controlam em absoluto as possíveis causas da crise, como acontece por exemplo no mercado petrolífero em relação a Angola, poderiam aproveitar períodos de maior retração para implementarem reformas e criarem condições internas benéficas a futuros ciclos de crescimento. 2016 poderia ser um ano de continuação de reformas, designadamente legislativas e na administração pública, para a captação de bons e vastos recursos de investimento monetários ou humanos.

MAX ALIER
Representante do FMI em Angola

Uma aceleração das reformas para conseguir uma rápida e sustentável diversificação da economia, assim como um aprimoramento do marco de políticas económicas. Aqui, por exemplo, adoptando um quadro fiscal de médio prazo com regras bem definidas de poupança quando o preço do petróleo esteja alto para que assim se possam evitar ‘cortes’ pronunciados nos investimentos públicos quando o preço voltar a baixar.

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

Que se continue a dar obras só a empresas estrangeiras sem concurso internacional nem participação das empresas angolanas! Em termos petrolíferos, que a média de preços ao longo do ano seja inferior a 40 USD!



José Oliveira
Jornalista/Colaborador do CEIC

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

PATRÍCIO VILAR
Administrador da CMC

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

dependentes do petróleo seria, sem dúvida, o melhor que poderia suceder, mas para tal é imprescindível extrair-se lições da actual crise e saber porque é que, apesar dos esforços, a diversificação da economia não atingiu os resultados esperados, deixando o País muito vulnerável.

RUI SANTOS
CEO da Sistec

O preço do petróleo voltar a subir para a faixa dos 70 a 80 USD por barril.

LUÍS VERDEJA
Director da Jobartis

O melhor seria Angola caminhar para um sistema económico não tão dependente do petróleo. Muito se tem falado disso, mas os altos preços do petróleo retiraram os incentivos à diversificação. Agora não há outra solução que não, efectivamente, promover esse modelo. O Governo deverá aprovar reformas que facilitem o trabalho dos operadores económicos. O melhor que 2016 vai trazer será um ‘pacote’ legislativo facilitador da actividade económica.

MAX ALIER
Representante do FMI em Angola

Uma aceleração das reformas para conseguir uma rápida e sustentável diversificação da economia, assim como um aprimoramento do marco de políticas económicas. Aqui, por exemplo, adoptando um quadro fiscal de médio prazo com regras bem definidas de poupança quando o preço do petróleo esteja alto para que assim se possam evitar ‘cortes’ pronunciados nos investimentos públicos quando o preço voltar a baixar.

MAX ALIER
Representante do FMI em Angola

“O pior é que se continue a dar obras só a empresas estrangeiras sem concurso internacional nem participação das empresas angolanas”

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

Que se continue a dar obras só a empresas estrangeiras sem concurso internacional nem participação das empresas angolanas! Em termos petrolíferos, que a média de preços ao longo do ano seja inferior a 40 USD!



Pedro Pita Groz
CEO da Bodiva

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

PATRÍCIO VILAR
Administrador da CMC

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

3. E o pior?

JOSÉ SEVERINO
Presidente da AIA

Continuarmos com a gestão cambial actual, o OGE entrar no êxtase do défice orçamental, a taxa de inflação passar os 15% e o barril do petróleo a manter-se no nível abaixo do por mim prognosticado – entre os 35 e os 40 USD. Também manter-se a baixa qualidade da despesa pública, mal de muitos dos nossos males!

JOSÉ OCTÁVIO SERRA VAN-DÚNEM
Professor universitário

O pior seria os angolanos não caírem na real, no sentido em que o mundo já mudou e os novos desafios pedem uma mudança comportamental e de atitude profunda de todos nós. Só assim poderemos almejar o sucesso.



José Oliveira
Jornalista/Colaborador do CEIC

“O pior é que se continue a dar obras só a empresas estrangeiras sem concurso internacional nem participação das empresas angolanas”

JOSÉ OLIVEIRA Jornalista e colaborador do CEIC/UCAN para a Energia

Que se continue a dar obras só a empresas estrangeiras sem concurso internacional nem participação das empresas angolanas! Em termos petrolíferos, que a média de preços ao longo do ano seja inferior a 40 USD!

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

PEDRO PITA GROZ
CEO da Bodiva

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

PATRÍCIO VILAR
Administrador da CMC

A queda do preço do petróleo, para níveis ainda mais baixos.

Que o preço do petróleo volte a subir para patamares altos a curto prazo. Isso desmobilizaria cada um de nós do esforço que se impõe. Não me entendam mal: não vejo com ‘maus olhos’ uma ligeira subida do preço do petróleo, pelo contrário, até porque no esforço de diversificação da produção interna necessitamos de divisas para as importações de equipamento e matérias subsidiárias. Mas uma subida abrupta do preço do petróleo levar-nos-ia ao imobilismo.

FERNANDO MARQUES PEREIRA
CEO do Banco Caixa Geral Angola

O que está realçado no cenário macroeconómico do *Relatório de Fundamentação* do OGE/2016, ou seja, concretizarem-se os piores cenários de um ‘choque’ combinado de aumento da volatilidade do preço do petróleo, impacto da transformação económica da China e incapacidade interna de aumentar a produção petrolífera.

EMÍDIO PINHEIRO
CEO do BFA

Registrar-se um cenário ainda mais baixo do preço do petróleo.

MANUEL SUMBULA
Presidente da AIBA

Estimativas dizem que mais de 40% das pessoas fazem resoluções de Ano Novo. Mas uma pesquisa da Universidade de Scranton, nos EUA, sugere, até, que apenas 8% conseguem atingir as metas definidas. Para tal, aconselham os especialistas, devemos manter as metas simples e organizadas de forma tangível, para garantir que fazemos parte dessa pequena média vencedora. Com os desafios que a Angola enfrenta em 2016, e nos anos que se seguem, o pior cenário seria termos objectivos de demasiado ambiciosos ou vagos. Devemos concentrar esforços no que está ao nosso alcance e trabalharmos em conjunto. Como numa orquestra, cada um desempenha o seu papel. E é o resultado do trabalho de cada um, enquanto elemento de um todo, que poderá ajudar Angola a traçar o seu caminho face ao futuro.

FERNANDO PACHECO
Especialista em Agricultura

Que o preço do petróleo atinja-se um valor médio na casa dos 30 USD ou inferior, ou, em oposição, acima de 100 USD. No primeiro caso, estaríamos numa situação dolorosa para o País em geral; no segundo, não resistiríamos à tentação de continuarmos a desbaratar dinheiro público em prejuízo da diversificação da economia e do combate à pobreza, e, consequentemente, a adiar o País justo desejado.

FERNANDO PACHECO
Especialista em Agricultura

Os ajustamentos, por si só, costumam ser penosos e têm efeitos associados. Para pior, poderia ser a adopção de uma postura meramente reactiva e não estratégica e desatenta ao que se passa no mundo e na região. Pior seria ainda haver um agravamento das condições do mercado petrolífero em relação a Angola, e/ou a ocorrência de instabilidade no sector financeiro e bancá-



Pedro Bequengue
PCA da Câmara dos Despachantes

“O pior que pode acontecer é o preço do petróleo continuar a preços tão baixos quanto os actuais”

PEDRO BEQUENGUE
PCA da Câmara dos Despachantes de Angola

Temos estado a passar por momentos menos bons economicamente e isso deve-se à escassez do dólares, devido à baixa no preço do petróleo. Por isso, o que pode acontecer de pior é o preço do barril continuar por muito tempo a preços tão baixos quanto os actuais, à volta de 43 USD. O bom seria, pelo menos, 75 USD.

PEDRO BEQUENGUE
PCA da Câmara dos Despachantes de Angola

Temos estado a passar por momentos menos bons economicamente e isso deve-se à escassez do dólares, devido à baixa no preço do petróleo. Por isso, o que pode acontecer de pior é o preço do barril continuar por muito tempo a preços tão baixos quanto os actuais, à volta de 43 USD. O bom seria, pelo menos, 75 USD.

MANUEL SUMBULA
Presidente da AIBA

Estimativas dizem que mais de 40% das pessoas fazem resoluções de Ano Novo. Mas uma pesquisa da Universidade de Scranton, nos EUA, sugere, até, que apenas 8% conseguem atingir as metas definidas. Para tal, aconselham os especialistas, devemos manter as metas simples e organizadas de forma tangível, para garantir que fazemos parte dessa pequena média vencedora. Com os desafios que a Angola enfrenta em 2016, e nos anos que se seguem, o pior cenário seria termos objectivos de demasiado ambiciosos ou vagos. Devemos concentrar esforços no que está ao nosso alcance e trabalharmos em conjunto. Como numa orquestra, cada um desempenha o seu papel. E é o resultado do trabalho de cada um, enquanto elemento de um todo, que poderá ajudar Angola a traçar o seu caminho face ao futuro.

FERNANDO PACHECO
Especialista em Agricultura

Não há, de momento, indicações que apontem para o aumento do poder de compra da população, redução do desemprego nem do custo de vida, inclusive daqueles segmentos da sociedade fazedores de opinião pública, até então, alguns, principais beneficiários com as distorções da ‘nossa’ economia. Portanto, se o Governo continuar a ser incapaz de estruturar um diálogo fecundo com as forças políticas e sociais credíveis, no sentido de criar alguns consensos e uma mobilização em torno das medidas estruturais inevitáveis, a tensão social pode subir em 2016 e com consequências difíceis de prever.

BRUNO XAVIER DE PINA
Jurista

Os ajustamentos, por si só, costumam ser penosos e têm efeitos associados. Para pior, poderia ser a adopção de uma postura meramente reactiva e não estratégica e desatenta ao que se passa no mundo e na região. Pior seria ainda haver um agravamento das condições do mercado petrolífero em relação a Angola, e/ou a ocorrência de instabilidade no sector financeiro e bancá-

rio, à semelhança do que tem vindo a acontecer em alguns países desde de 2008, e que obrigou à queda ou resgate de instituições financeiras e bancárias.

JAYR FERNANDES
Jurista

Prefiro não apontar cenários piores, mas analisar o que está a ocorrer hoje e, com base nisso, dar o meu contributo no âmbito das minhas competências pessoais e profissionais para ajudar o País a trilhar o caminho do desenvolvimento e progresso. Não podendo ser no decurso deste ano, trabalharmos seriamente para, pelo menos nos próximos cinco, alcançarmos a desejada diversificação económica e, por via disso, o crescimento da Nação com redistribuição de rendimento e estabilidade social, e dispormos de recursos humanos mais qualificados, porque a partir daí teremos instituições públicas e privadas mais fortes.



Rui Santos
CEO da Sistec

“O pior é o preço do petróleo continuar a descer, nem precisa descer muito mais para passarmos a ter problemas muito sérios”

RUI SANTOS
CEO da Sistec

O preço do petróleo continuar a descer. Nem precisa de descer muito mais para passarmos a ter problemas muito sérios.

LUÍS VERDEJA
Director da Jobartis

A transição de um modelo produtivo para outro sempre traz consigo ‘choques’. É provável que 2016 registre algum ‘choque’ económico que afecte a vida das pessoas e a rotina que tinham criado no anterior modelo.

MAX ALIER
representante do FMI em Angola

Que o processo de reformas que visam a diversificação da economia perdesse força.